

# ***O Dicionário do Menino Andersen – uma cartografia da singularidade.***

Rita Basílio

FCSH-UNL. Bolseira da FCT

## **Mapa**

O mapa é um papel que impede que olhes para as coisas.

## **Ver**

É ouvir com os olhos.

Tal como ouvir é ver com os ouvidos.

Gonçalo M. Tavares

**dobra**

## ***O Dicionário do menino Andersen***

Texto de Gonçalo M. Tavares.

Ilustração de Madalena Matoso.

Edição Planeta Tangerina, 2015.

Talvez cada um de nós tenha o seu próprio dicionário. Melhor: talvez cada um de nós deva *inventar* o seu próprio dicionário. É essa a *descoberta* que a língua nos solicita, é esse o repto que Gonçalo M. Tavares nos lança.

Fazer uma revisão crítica de *O Dicionário do Menino Andersen*, de Gonçalo M. Tavares, admite-me duas regras: 1. Encabeçar o texto com o registo da ficha bibliográfica do livro 2. Não ultrapassar muito as 1500 palavras. Entre uma e outra não vou descrever o conteúdo da obra, nem o contexto em que surge, não vou falar do autor e dos livros que já escreveu, não vou tecer largos elogios nem inúteis juízos de valor, basta-me parafrasear Schlegel: *felizmente este é um daqueles livros que se julgam a si mesmos*. M. Tavares tem uma clara noção da *necessidade* do que faz.

Limitar-me-ei, por isso, a atravessar apenas algumas das múltiplas entradas que este dicionário abre nas palavras pelas quais e com as quais descobrimos novas lógicas de interpretação e de interconexão entre a nossa própria experiência do

mundo e o imaginário verbal que cria e recria a capacidade que temos de *pensar* (em todos os sentidos, com todos os sentidos).

Este não é um “Dicionário das Palavras Sonhadoras”, como o de António Mota (2015), por exemplo. Este é o dicionário do menino Andersen, e esta singularidade *faz* (eis a *poiesis*) toda a diferença, é o *traço* que define a *pedagogia* deste livro. **O Dicionário do menino Andersen é um dicionário de um autor** (já lá vamos ao que *isto* quer dizer).

Começa assim o livro de M. Tavares: “O menino Andersen” (e o conhecido nome que evoca não passa despercebido) “era um grande inventor” (p. 7). Talvez a primeira nota a registar seja esta: independentemente da remissão ou da coincidência dos nomes (eis a indecidibilidade), também Hans Christian Andersen, antes de ser o grande escritor que deixou o seu nome assinado na História da Literatura, foi um menino. Como o Andersen da história de M. Tavares, muito antes de escrever as histórias que escreveu, o menino Hans, mesmo não tendo ainda escrito história alguma, seria já, *necessariamente*, “um grande inventor”, e isto porque – e vai-se-nos revelando o que aprendemos com M. Tavares – o que *faz* “um grande inventor” é o desejo que solicita – a cada um – a *necessidade* de re-inventar nas coisas repetidamente conhecidas outras formas de as ver e de as dispor, de as conectar ou experimentar, de as (re)descobrir e revelar.

É o facto de o menino Andersen de M. Tavares ser “um grande inventor” que torna consequente que seja levado a fazer o que *faz* dele o que realmente é. Volto ao começo do livro:

O menino Andersen era um grande inventor e não andava nada satisfeito com as definições de palavras que lia no dicionário. Por isso decidiu começar a escrever um dicionário novo, um dicionário que entusiasmasse os seus amigos. (p.7).

Toda a invenção devém de um *desejo* agenciado por uma insatisfação e por uma decisão de (re)agir para tentar suprir um incómodo. Tem, pois, um propósito claro a decisão que o menino Andersen toma: mais do que escrever “um dicionário novo”, o que ele realmente pretendia era escrever “um dicionário que entusiasmasse os seus amigos”. O *entusiasmo* é, sabemo-lo, uma palavra abismal, uma afecção que mantém laços de familiaridade com a alegria, com o impulso para agir, ou com essa imponderável afecção a que perdemos o gosto de chamar “inspiração”. É por isso uma dádiva, uma oferta de amizade, este Dicionário. O menino Andersen, como M. Tavares, não pretende apenas surpreender, divertir

ou agradar os seus amigos, pretende **entusiasmá-los**. E entusiasmá-los a quê? A escrever, por exemplo, seria a minha resposta. Mas as respostas poderão ser várias, naturalmente, desde que nunca se desviem demasiado da *paixão* que este Dicionário expressa, testemunhando-a: tratar-se-á sempre de pensar um *certo tipo de relação* com as palavras, com essa indefinível, insubordinável ou indisciplinável conexão que criamos com a linguagem que nos dá acesso à interpretação e à expressão do mundo que está fora e dentro de cada um de nós. Com *O Dicionário do Menino Andersen*, M. Tavares não visa simplesmente tornar manifesta a sua imaginativa técnica de escrita e a sua engenhosa criatividade, sequer o seu domínio da língua e a sua capacidade de construção de outras lógicas simbólico-referenciais ou metafóricas. A par de não deixar de *mostrar* tudo isto, a cada entrada do dicionário que as ilustrações de Madalena Matoso ampliam e complementam criativamente, M. Tavares escreve *este* Dicionário **para inventar o que não pode**: uma infância *inicial e pura*, onde as palavras podem ser olhadas como se fosse a primeira vez, com um olhar anterior, incontaminado por memórias e conceitos referenciais, alheios e pré-definidos. E é precisamente por *não poder* que M. Tavares dá corpo e forma ao seu *impoder*, inventando o menino Andersen – ele, sim, ele *pode* escrever este dicionário, porque à poesia “tudo é possível e nada é impossível”, lembra-nos Manuel António Pina.

No avesso de qualquer dicionário oficial – comum e universal –, o menino Andersen escreve um **dicionário estrito** – incomum e particular –, um dicionário que não se destina a todos – apenas *aos amigos*, quer dizer, a todos os livres inventores como ele, relutantes a codificações prévias e normas restritivas, um dicionário de uma alegria atenta, onde as palavras mais familiares se convertem em insondáveis entradas para mundos mais amplos, tornados manifestos sob as idiossincráticas perspetivas de uma *desaprendizagem criativa*. Por aí, as palavras recebem os seus sentidos não apenas da memória e do seu uso contextual e pragmático, mas de um imprevisível *jogo de linguagem* que nenhuma outra regra, que não a da Poesia (*onde a regra é não haver regra*), pode tornar pensável sob a lógica que ele próprio (o jogo) cria.

Neste jogo, os recursos da criatividade e da imaginação, das conexões incomuns e imprevisíveis, não radicam em acepções prévias – é o uso (de todos os sentidos e em todos os sentidos) que inventa a lógica que o funda. Eis o que o Dicionário de M. Tavares *nos mostra*. Eis porque solicita que falemos de Literatura, ou da Literatura – e parafraseio Eduardo Lourenço – como ficção (criação de figuras e

formas), isto é como o Jogo onde se joga e reinventa a nossa própria existência. (Cf. Lourenço, 1994: 11), transformando conceitos e modos de vida.

*O Dicionário do Menino Andersen* dá-nos assim a pensar uma outra (paradoxal) lógica que acolhe o erro e o desvio, a singularidade emotiva e experiencial, a anacronia e o desacerto, a descoberta imprevisível e a aprendizagem do insólito, da mutação e da impermanência. É de Literatura que falamos, quando falamos de livros como este, os que inventam acessos a outras maneiras de pensar a nossa própria relação com a língua, que a abrem às inesperadas formas de entendimento dos nossos sentidos, dos nossos afectos e desafectos, das nossas manias ou idiosincrasias – uma lógica criativa de que devém a interpretação expressiva das palavras que informam e modelam a nossa singular experiência do mundo: uma forma de vida.

*O Dicionário do Menino Andersen* – e volto ao ponto de partida – é um dicionário de autor, um dicionário poético. Lê-lo – reescrevê-lo – é uma maneira de aprender a amar a língua, reinterpretando-a, de (re)aprender a *pensar* “com os olhos e com os ouvidos / e com as mãos e os pés / e com o nariz e a boca.” (Caeiro, Poema IX), de aprender a (re)escrever (-se). Todo o autor *cria uma outra língua dentro da própria língua* (Deleuze) – eis como devém autor.

Não se trata, é inútil dizê-lo, de criar uma linguagem privada, há muito que Wittgenstein nos ensinou que não há linguagens privadas, toda a expressão provém de palavras alheias, repetidas, partilhadas, conhecidas, mas isto não quer dizer, por isto mesmo, que não haja interpretações particulares, singulares, insólitas, inesperadas, transformadoras – é precisamente nessa *dobra* que toda leitura é já escrita: repetição e diferença.

*O Dicionário do Menino Andersen* mostra (que é sempre também um modo de ensinar) que a linguagem não pode jamais ser tomada como uma estrutura completa e autónoma, funcional ou funcionalista, passível de ser estudada e interpretada independentemente de uma multiplicidade de outras afecções incatalogáveis e de outras tantas considerações inverbais e inimagináveis. O que não pode ser dito, mantém-se calado, (Wittgenstein) todavia *mostra-se*.

É nesta inconceptualizável *forma de uso* da língua em conexão com o não-verbal que devém o que nos singulariza. Um “inventor” não se *serve* da língua, é inventado pela língua que ele próprio inventa dentro da língua que (o) usa. Eis a (possível) razão por que cada um de nós se deve tornar responsável pela escrita do seu próprio dicionário, é *o uso que fazemos das palavras que nos fazem* que

nos torna autores de nós mesmos-outros. O que a literatura funda, só a literatura ensina – eis a alegre aprendizagem.

***O Dicionário do menino Andersen* é o dicionário de um autor, um dicionário contra-assinado por Gonçalo M. Tavares.**

Ler também:

<http://lerbd.blogspot.pt/2015/12/o-dicionario-do-menino-andersen-goncalo.html>

Dobra nº1, 2017